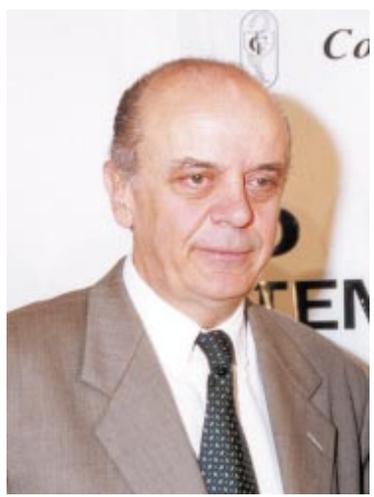


Farmácia pode fechar, se não vender genéricos



Ameaça é de Serra. Para ele, vender genéricos é condição para funcionamento das farmácias. O ministro pretende editar Portaria com a restrição

A venda de medicamentos genéricos será condição para o funcionamento das farmácias. Afirmação, nesse sentido, foi feita pelo ministro da Saúde, José Serra, que ameaçou criar uma Portaria com a restrição. O motivo das declarações de Serra é a pequena quantidade desses produtos, nas prateleiras das farmácias e drogarias, o que, aliás, levou o ministro a suspeitar de boicote por parte do estabelecimentos.

Para Serra, existe má vontade por parte dos labo-

ratórios e grandes redes de farmácia de produzir e comercializar genéricos. “E uma ilusão as farmácias acharem que vão perder dinheiro com os genéricos, porque, apesar do preço mais baratos, eles vendem muito mais”, assegurou.

A intenção de Serra é que, até o final do ano, o mercado esteja “inundado” de genéricos. De acordo com ele, genéricos são produtos de alta qualidade e com preços bem mais baratos. O ministro salientou que o usuário de medicamento não deve aceitar que a farmácia “empurre” um produto comercial em lugar de um genérico. “Deve-se sempre perguntar se existe um genérico correspondente”, observou. Outra novidade apresentada por Serra: o Ministério da Saúde vai exigir que os estabelecimentos exponham a lista de genéricos já aprovados.

Quanto à ausência dos medicamentos genéricos, Serra disse que o Ministério irá avaliar se o que existe é um problema de abastecimento, por parte dos laboratórios, ou se é mesmo um boicote das farmácias. Mas o presidente da Abrafarma (Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias), Francisco Queirós, nega que os estabelecimentos farmacêuticos estejam boicotando os medicamentos genéricos. Para ele, “se caímos, em faturamento, ganhamos na escala de clientes”. Queirós salienta que a falta dos genéricos nas prateleiras é consequência da “falta do produto em alguns locais”.

Estrangeiros querem fabricar genéricos, no Brasil

Ainda no primeiro semestre deste ano, quatro indústrias farmacêuticas estrangeiras devem se instalar, no País, para produzir genéricos. São elas: Teva (israelense e maior empresa mundial especializada nesse segmento), Ranbaxy (indiana), Aphotex (canadense) e uma alemã, cujo nome ainda não foi divulgado. A intenção de essas empresas virem para o Brasil foi confirmada por José Serra, ministro da Saúde.

A entrada de novas indústrias no mercado de genéricos deve estimular a competitividade, beneficiando os consumidores com preços mais baixos. Os genéricos, hoje, já apresentam diferenças de preços de cerca de 40% em relação aos medicamentos de marca. A partir de julho, é possível que já estejam no mercado os primeiros produtos fabricados por esses laboratórios estrangeiros.

Para o secretário de Gestão de Investimentos do Ministério da Saúde, Geraldo Biasoto, “a idéia é promover a competição salutar com produtos de qualidade”. Gonzalo Vecina, presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, diz que os laboratórios públicos já receberam investimentos da ordem de R\$ 30 milhões, o que não impede o “incentivo à vinda de competidores”. E reforça: “O consumidor só ganhará com o aumento da competição”.

Aids – O laboratório Farmanguinhos, do Instituto Fiocruz, pediu o registro de dois genéricos usados no tratamento do vírus da Aids. Os medicamentos são a lamibudina e a tetanozina. O Farmanguinhos, laboratório oficial, é um dos que receberam incentivos do Governo Federal, da ordem de R\$ 30 milhões, no total.

